

**Revisão integrativa da literatura sobre bissexualidade:
representações, invisibilidade e subjetividade**

Kadu Ulisses da Silva¹

Jacqueline Meireles²

Resumo

O presente artigo parte da discussão sobre como os preconceitos e incompreensões relacionados à bissexualidade articulam-se com os processos de sofrimento e vulnerabilidade da população bissexual. Considerando as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural sobre a constituição da subjetividade, a pesquisa tem por objetivo analisar como a literatura acadêmica discute a subjetividade da pessoa bissexual. Para tanto, foi realizada revisão integrativa de 12 artigos publicados entre 2015 e 2020. A análise do conteúdo possibilitou a construção de 3 categorias. Por fim, discute-se que as formas de significação da bissexualidade em uma sociedade que a invalida a vivência de dramas específicos para a população bissexual e aponta-se a necessidade da construção de políticas de acolhimento e fortalecimento desta população, bem como a formação crítica de profissionais de saúde para o trabalho com pessoas bissexuais.

Palavras-chave: Bissexualidade, Subjetividade, Invisibilidade, Heteronormatividade, Monossexualidade

Integrative literature review on bisexuality: representations, invisibility and subjectivity

Abstract

The present paper starts from the discussion about how the prejudices and misunderstandings related to bisexuality are articulated with the processes of suffering and vulnerability of the bisexual population. Considering the contributions of Cultural-Historical Psychology on the constitution of subjectivity, the research aims to analyze how the academic literature discusses the subjectivity of the bisexual person. Therefore, it was carried out an integrative review of 12 articles published between 2015 and 2020. The analysis of the content of these articles allowed the construction of 3 categories. Finally, it is discussed that the forms of meaning of bisexuality in a society that invalidates the experience of specific dramas for bisexual people and points out the need to build policies to welcome and strengthen this population, as well as the formation of critical health professionals to work with them.

Keyword: Bisexuality, Subjectivity, Invisibility, Heteronormativity, Monosexuality

¹ Faculdade Municipal Professor Franco Montoro

² Centro Universitário UNIFIEO

Introdução

O presente artigo objetiva analisar como a literatura acadêmica discute a subjetividade da pessoa bissexual, refletindo sobre as representações da bissexualidade e seu processo de invisibilização. Tal análise justifica-se por um contexto sociocultural em que a bissexualidade é marcada por inúmeros preconceitos, tendo seu reconhecimento e legitimação sistematicamente dificultados. De acordo com DeCapua (2017) o conceito de sexualidade foi forjado entre 1890 e 1920, mas a bissexualidade só foi reconhecida nos Estados Unidos da América (EUA) por volta da década de 1970. Ainda hoje, a bissexualidade é tratada como sinônimo de homossexualidade (van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017), o que evidencia a necessidade de discutir e ampliar o debate sobre vivências bissexuais.

Davila et al (2019) e Arena e Jones (2017) apontam que pessoas bissexuais têm sido caracterizadas pela infidelidade nas relações amorosas, confusão sobre a própria orientação sexual, egoísmo, promiscuidade, etc. Como consequência, a população bissexual tem sido alvo de violência, discriminação e assédio com maior frequência que outras “minorias sexuais”, como gays e lésbicas. (Davila *et al.*, 2019; McClelland et al., 2016).

Johnson (2016) descreve a tendência de hiper sexualização da bissexualidade, principalmente no que se refere às mulheres bissexuais. Sua aceitação condiciona-se ao contexto das mídias voltadas ao desejo de homens heterossexuais, onde é possível observar a codificação do corpo feminino pelo olhar masculino (Mulvey, 1975). Johnson (2016) aponta, ainda, que a maior parte dos cargos importantes da indústria audiovisual é ocupada por homens, o que reduz a possibilidade de nuance ou verossimilhança na representação de vivências que fujam do padrão cis heteronormativo.

Ainda sobre a bissexualidade feminina, Guimarães Alves *et al* (2020) apontam que as políticas e a academia nacional reproduzem a heteronormatividade, o que minimiza a identidade bissexual, e torna estes indivíduos abjetos. Os autores destacam que, quando a bissexualidade relaciona-se às questões de gênero, performance e raça é possível identificar uma hierarquia: mesmo no interior de um grupo marginalizado, alguns indivíduos são mais invisíveis que outros. A interseccionalidade destes diferentes fatores leva a um apagamento destes grupos em políticas afirmativas e dificulta o acesso à saúde básica, dentre outros direitos.

A própria definição de bissexualidade é marcada por dissensos. Enquanto alguns autores a conceituam em comparação com orientações sexuais monossexuais (Hertlein et al., 2016; Lahti, 2015; Wandrey *et al.*, 2015), outros a compreendem de forma naturalizada, como parte da experiência humana (Corey, 2017; DeCapua, 2017). A bissexualidade como orientação sexual apresenta características únicas, mas há um esforço em explicá-la pelo prisma da norma heterossexual.

Buscando explicitar estas características, Lahti (2015) diferencia a bissexualidade de outras orientações monossexuais pelo desejo: não é a prática que valida a orientação sexual, mas o desejo. Estas formas de identificação e diferenciação compõem o que Todd *et al.* (2016) compreendem como “espectro bissexual” (p. 144, tradução livre). Essa expressão faz alusão às práticas e experiências relacionadas à bissexualidade que se diferem do que foi normalizado pelas relações e práticas monossexuais, como por exemplo, a orientação validada pelo desejo e não pela prática. Assim, presume-se maior fluidez e possibilidade de investimentos afetivos e sexuais de formas específicas de cada gênero e para cada indivíduo.

Diante do exposto, o presente artigo relata os resultados uma pesquisa de revisão integrativa da literatura científica que caracteriza as representações e práticas culturais em que a subjetividade bissexual se constrói. Para tanto, partimos das contribuições da Psicologia Histórico-Cultural a respeito da subjetividade. Nesta perspectiva, superam-se compreensões dualistas sobre sujeito/objeto, nas quais a subjetividade refere-se ao mundo interno, privado, e busca-se discuti-la a partir da relação indivíduo-sociedade. Ao pesquisar o tema da subjetividade nos escritos de Vigotski, Molon (2011) destaca alguns pontos de dificuldade, tais como o uso de conceitos com sentidos diferentes e a qualidade das traduções dos textos à época. No entanto, afirma que apesar de o conceito de subjetividade não aparecer em sua obra de forma sistemática, é possível elaborar uma compreensão a partir desta trama conceitual.

Para Vigotski (2000), o desenvolvimento humano se dá a partir das relações interpsicológicas, que pela mediação semiótica configuram-se como funções psicológicas superiores no âmbito intrapsicológico. Nas relações sociais há o choque de sistemas, o que faz com que o desenvolvimento ocorra de forma dramática. Ao destacar a noção de drama na produção da subjetividade, Vigotski caracteriza a personalidade humana como repleta de luta interna e exemplifica com o choque entre dever e sentimento. De acordo com Molon (2011), o drama é

constituído pela mediação dos signos culturais e compõe-se tanto dos significados das palavras quanto dos sentidos. Enquanto os significados são formas mais estáveis de significação, os sentidos são instáveis e constituem-se pela soma dos fatos psicológicos que determinada palavra desperta em nossa consciência. Em suma, compreende-se que a subjetividade humana só é possível a partir da apropriação dos signos culturais por meio das relações sociais, num processo dramático.

Partindo desta compreensão, é possível inferir que os significados e sentidos culturais atribuídos à bissexualidade permeiam o processo de subjetivação das pessoas bissexuais. Apresentamos, a seguir, a metodologia utilizada para a revisão integrativa e discutimos os resultados a partir de 3 categorias identificadas: os retratos da bissexualidade, a invisibilidade e a subjetividade da pessoa bissexual.

Método

O presente artigo relata uma pesquisa de revisão integrativa da literatura, que para Souza et al. (2010) é o método que fornece ampla revisão da literatura, subsidia interpretações e articulações de áreas diversas do saber e fornece um panorama consistente após a análise de grandes amostras e conceitos sobre o tema proposto. Foram consultadas as bases de dados do Periódicos CAPES e Scopus em virtude do grande volume de periódicos agregados por estas. A pesquisa foi realizada individualmente em cada uma das bases com os mesmos protocolos, descritores e itens de inclusão e exclusão. Considerando que a base Periódicos Capes agrega a Scopus em seus resultados, a Scopus foi excluída dos resultados do Periódicos Capes, a fim de evitar resultados duplicados, conforme **Tabela 1**.

Tabela 1.

Fases da Pesquisa

Procedimento	Artigos Obtidos
Levantamento de dados	3992
Seleção dos estudos e leitura dos resumos	181
Remoção de artigos duplicados e/ou indisponíveis	156
Leitura na íntegra	12

Para realizar a pesquisa foram combinados os seguintes termos de busca nas línguas portuguesa e inglesa: Bissexualidade E Subjetividade; Bissexualidade E Apagamento;

Bissexualidade E Visibilidade; Bissexualidade E Heteronormatividade. Além disso, foi utilizado o descritor “Bifobia” para completar a pesquisa, nos mesmos idiomas.

Foram incluídos no protocolo artigos teóricos e relatos de pesquisa publicados em periódicos revisados por pares da Psicologia, Ciências Humanas e Sociais, tanto nacionais quanto internacionais e que tinham como objeto a discussão da subjetividade bissexual. Foram excluídos os artigos de revisão de literatura, produzidos por outras áreas do conhecimento, e que representassem a bissexualidade sob o viés psicopatológico. Os dados obtidos na fase 3 e as respectivas bases de dados constam na **Tabela 2**.

Tabela 2.

Resultados e bases de dados da Fase 3

Base de dados	Número de artigos
Periódicos Capes	56
Scopus	100
Total	156

Os elementos apresentados foram investigados por meio de Análise de Conteúdo, que para Campos (2004) é uma forma que busca os sentidos dos dados a serem analisados. As etapas da Análise seguiram o caminho proposto por Bardin et al. (2000): “pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação” (p. 95). O recorte temporal utilizado foi o de 2015 a 2020 em razão do volume de dados obtidos nas buscas. A **Tabela 3** apresenta o número de artigos selecionados para análise.

Tabela 3.

Artigos selecionados para leitura na íntegra e periodicidade

Ano	Número de artigos	Ano	Número de artigos
2020	0	2017	3
2019	1	2016	3
2018	2	2015	3

12 pesquisas foram selecionadas para leitura na íntegra e os trechos com discussões referentes aos objetivos propostos nesta pesquisa foram separados para análise. Os trechos foram

categorizados em seções de discussões denominadas: 1) Retratos da Bissexualidade; 2) Invisibilidade; e 3) Subjetividade, e em cada seção foram construídas categorias para discussão crítica e teórica sobre os elementos comuns na conceituação ou interpretação dos fatos apresentados, conforme consta na **Tabela 4**.

Tabela 4.

Artigos selecionados

Código	Autor(es) e ano	Título
1	Carrillo e Hoffman (2018)	'Straight with a pinch of bi': The construction of heterosexuality as an elastic category among adult US men
2	Corey (2017)	All Bi Myself: Analyzing Television's Presentation of Female Bisexuality
3	Hertlein et al. (2016)	Attitudes Toward Bisexuality According to Sexual Orientation and Gender
4	Roberts et al. (2015)	Between a Gay and a Straight Place: Bisexual Individuals' Experiences with Monosexism
5	Todd et al. (2016)	Biphobia in the Family Context: Experiences and Perceptions of Bisexual Individuals
6	DeCapua (2017)	Bisexual Women's Experiences with Binegativity in Romantic Relationships
7	Johnson (2016)	Bisexuality, Mental Health, and Media Representation Coming Out to Family and Friends as Bisexually Identified
8	Wandrey et al. (2015)	Young Adult Women: A Discussion of Homophobia, Biphobia, and Heteronormativity
9	Dyar e London (2018)	Longitudinal Examination of a Bisexual-Specific Minority Stress Process Among Bisexual Cisgender Women
10	Doan Van et al. (2019)	Perceived Discrimination, Coping Mechanisms, and Effects on Health in Bisexual and Other Non-Monosexual Adults
11	Lahti (2015)	Similar and equal relationships? Negotiating bisexuality in an enduring relationship
12	van Lisdonk e Keuzenkamp (2017)	Towards Bi-Inclusive Policies: Suggestions Based on Research on Dutch Same-Sex Attracted Young People

Resultados e Discussão

A discussão dos dados obtidos na revisão da literatura foi organizada em três seções: 1) Retratos da Bissexualidade; 2) Invisibilidade; e 3) Subjetividade. Na primeira seção foram discutidas as compreensões sobre a bissexualidade na literatura científica e de indivíduos bissexuais; na segunda seção analisou-se os fatores envolvidos na invisibilização da bissexualidade e

encontrou-se indícios de um processo sistemático e sintomático dela; e na terceira e última seção debateu-se os aspectos relacionados à subjetividade bissexual. Tendo em vista a compreensão dialética da subjetividade na perspectiva Histórico-Cultural (Molon, 2011), a discussão da subjetividade do indivíduo bissexual foi discutida a partir de sua interação com processos sociais.

1 Retratos da Bissexualidade

Esta seção investiga como as produções acadêmicas retratam, classificam, compreendem e descrevem a bissexualidade. Os 12 trabalhos selecionados apresentaram ao menos uma forma de explicar ou compreender a bissexualidade. Este material foi categorizado como: 1) Monossexualidade; 2) Naturalidade; e 3) Objetificação.

1.1 Monossexualidade

A compreensão da bissexualidade a partir das lentes da monossexualidade foi encontrada em sete pesquisas (Carrillo & Hoffman, 2018; Corey, 2017; DeCapua, 2017; Hertlein *et al.*, 2016; Lahti, 2015; van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017; e Wandrey *et al.*, 2015). Estas pesquisas trazem aspectos sintomáticos na representação da bissexualidade que são ancorados na perspectiva heteronormativa das interações afetivas e/ou sexuais dos indivíduos. Isso resulta na representação da bissexualidade como indecisão, uma fase passageira até a verdadeira orientação sexual, ou uma mistura de elementos hétero e homossexuais.

A absolutização da monossexualidade ocorre como um sintoma do sistema ideológico que considera a heterossexualidade e homossexualidade como opções primárias. Apesar de terem objetos afetivos opostos, sendo a primeira válida e aceita socialmente e a segunda ainda alvo de preconceitos, ambas são considerados norma (van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017). DeCapua (2017) e van Lisdonk e Keuzenkamp (2017) apresentam a tendência acadêmica, política e social de amalgamar a bissexualidade com a homossexualidade sem reconhecer a diferença e especificidade de cada grupo, além de destacarem a ausência de políticas públicas ou programas para indivíduos bissexuais por serem considerados um grupo homogêneo junto aos homossexuais.

Para Hertlein *et al.* (2016) este movimento ocorre em razão da compreensão dicotômica de gênero e sexualidade da cultura ocidental, na qual a orientação sexual de um indivíduo é presumida de acordo com o seu respectivo parceiro. Uma das consequências deste processo é o de estabelecer algumas práticas como aceitáveis e outras como inaceitáveis, movimento este que

cria um apagamento sistemático da bissexualidade (Corey, 2017). Estes processos fazem com que a bissexualidade deva ser provada, negociada, desafiada, e explicitada continuamente, para que, assim, o indivíduo seja “apto” a declarar-se bissexual. Caso contrário, é considerado meio hétero e meio *gay*, indeciso, falso etc.

Uma das consequências deste processo de (in)validação da bissexualidade é a marginalização do indivíduo e da orientação sexual, visto o não reconhecimento ou negação da bissexualidade como orientação sexual válida. Para Lahti (2015) a bissexualidade é algo que emerge de forma tímida e que permanece subliminar, enquanto para van Lisdonk e Keuzenkamp (2017) o fato de haver indícios da bissexualidade ser marginalizada não a torna irrelevante para indivíduos que se identificam como bissexuais. Este fato é reforçado nos participantes das pesquisas de Carrillo e Hoffman (2018) e Wandrey *et al.* (2015) que se identificam como bissexuais, mas são seletivos no manejo e apresentação desta orientação sexual, em razão das pessoas os considerarem *gays* ou lésbicas.

1.2 Naturalidade

Naturalidade é a categoria que reuniu definições da bissexualidade como parte natural da experiência humana de afetos, desejo, práticas etc. É uma forma ampla e contrária à da monossexualidade de discutir e compreender as relações e expressões da bissexualidade. Seis pesquisas foram identificadas nesta categoria (Corey, 2017; DeCapua, 2017; Doan Van *et al.*, 2019; E. Todd *et al.*, 2016; Hertlein *et al.*, 2016; e van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017).

De acordo com DeCapua (2017, p.452, tradução livre) a bissexualidade é “comumente identificada como a atração sexual e romântica em homens e mulheres”. Tal fato pode ser verificado a partir da representação majoritária de relações casuais ou afetivas de forma romântica e/ou heteronormativa, seja em produtos audiovisuais ou de uma forma generalista de representar as relações. Corey (2017) e van Lisdonk e Keuzenkamp (2017) argumentam que a bissexualidade não é ilegítima com relação à proporção e manifestação de afeto ou ocorrência de um ato de natureza emocional ou sexual em cada gênero, ou seja, independente da frequência e da expressão do afeto, o indivíduo é bissexual quando assim se auto identifica. Considerando a compreensão da sexualidade advinda da absolutização da monossexualidade, os afetos de indivíduos bissexuais são questionados e testados por pessoas que não são bissexuais, a fim de procurar (in)validar esta orientação sexual.

Estas definições são apresentadas como formas de compreender a bissexualidade e seus contornos, porém são passíveis de crítica, como a de Corey (2017) que considera a bissexualidade contestável, ou Carrillo e Hoffman (2018) que a consideram controversa. Tais conflitos podem ocorrer ao tentar compreender a bissexualidade de forma reducionista, excludente, explicá-la de forma dissociada do indivíduo bissexual e interpretá-la por instrumentos e concepções da monossexualidade, na qual a prática deve ser validada pelo ato, seja sexual, romântico ou afetivo para um único gênero, ou até mesmo através do julgamento moral de tais práticas.

Doan Van *et al.* (2019) apresentam dimensões da bissexualidade para além de um objeto abstrato, mas como experiência concreta, em que todas estas vivências podem ter significado ou não a partir da identificação do indivíduo sobre suas experiências e desejos como bissexual. As pesquisas de Hertlein *et al.* (2016) e van Lisdonk e Keuzenkamp (2017) incorporam em suas definições a experiência do sujeito bissexual como aquela que dá sentido à bissexualidade, complementam com a superação do pensamento monossexualista e presumem uma fluidez nos afetos, aceitando a direção e manifestação de forma específica de e para cada indivíduo, na qual há continuidade na bissexualidade durante a vida, ao invés de uma fase de experimentação.

Para E. Todd *et al.* (2016) esta multiplicidade de afetos, práticas, experiências e desejos superam o conflito terminológico ao ser incorporado à subjetividade, que assume um caráter de “espectro bissexual” (p.144, tradução livre), sendo este o sentido amplo da experiência concreta de cada indivíduo e suas especificidades como sujeitos que se identificam como bissexuais.

1.3 Objetificação

A última categoria construída foi a objetificação, que apresenta a caracterização da bissexualidade e dos indivíduos bissexuais de formas estereotipadas, reduzindo seus afetos a uma fonte de prazer alheia, desumanizada. Esta categoria foi encontrada em seis pesquisas (DeCapua, 2017; Dyar & London, 2018; Hertlein *et al.*, 2016; Johnson, 2016; e Wandrey *et al.*, 2015).

Em Carrillo e Hoffman (2018) esta forma está presente nos relatos dos participantes masculinos de sua pesquisa, que percebem a bissexualidade como uma categoria que valoriza o envolvimento sexual, e os indivíduos bissexuais como emocionalmente incapazes de envolvimento afetivo comparados à heterossexuais e *gays*. Na mesma pesquisa os participantes procuram argumentar sobre formas flexíveis de identificarem-se como heterossexuais enquanto se envolvem

com pessoas do mesmo gênero, ou seja, fazem o que julgam ser uma forma promíscua de explorar a sexualidade, mas com outro nome para não perderem o privilégio heterossexual.

Parte da objetificação apresentada ocorre pelo julgamento que acompanha a identidade bissexual, seja por falta de representatividade, desconhecimento, ou formas estereotipadas de representar os indivíduos bissexuais. Geralmente o grupo mais afetado é o de mulheres bissexuais, como consequência da estrutura social sexista e machista. Wandrey *et al.* (2015) destacam isto na expressão de uma participante: “uma vez que você se assume bissexual, de repente você se torna a garota vadia que sai com todos no bar. De repente você se torna ‘bar sexual’” (p.211, tradução livre). Para Hertlein *et al.* (2016, p.341, tradução livre) este processo é chamado de “bissexualidade performativa, na qual o comportamento sexual feminino com o mesmo gênero é encorajado por e direcionado para a audiência masculina”.

Johnson (2016) compreende este processo de objetificação como sexualização da mulher para satisfação do homem, e distingue que não se trata de a bissexualidade feminina ser aceita, mas de ser sexualizada de forma que sua aprovação está meramente condicionada à satisfação masculina dos desejos e fantasias. Esta representação performativa da bissexualidade trata indivíduo e orientação sexual como instâncias distintas, quando na realidade são expressões da subjetividade, e, conseqüentemente, a afetam, deslegitimando a identidade bissexual e retratando como algo que pode ser “fingido com o propósito da sedução heterossexual” (Johnson, 2016, p.383, tradução livre).

Os estereótipos da bissexualidade perpassam desde a ideia de que indivíduos bissexuais são irresponsáveis sexualmente, ninfomaníacos, responsáveis pela transmissão de ISTs, e não confiáveis, até a ideia de que são pessoas que ficam experimentando homens e mulheres enquanto não definem o que gostam (Dyar & London, 2018). Em DeCapua (2017) este fenômeno está presente na cooptação da bissexualidade feminina pelo desejo masculino, em práticas invasivas e invalidadoras da bissexualidade, tais como o encorajamento de encontros sexuais para prazer do parceiro, ou da presunção da bissexualidade como um “estado” ao invés de uma forma de ser, como algo que pode ser transformado, convertido ou revertido.

Estas formas irresponsáveis de caracterizar ou representar a bissexualidade para Johnson (2016) são prejudiciais porque reverberam na perpetuação de estereótipos irrealis e que causam

consequências concretas para indivíduos bissexuais, visto a hiper sexualização da bissexualidade feminina e a invisibilização da bissexualidade masculina.

2 Invisibilidade

Procurou-se nesta seção destacar indicadores da invisibilidade da bissexualidade. Os resultados foram selecionados de acordo com as ações direcionadas à bissexualidade ou indivíduos bissexuais, sejam formas deliberadas ou não conscientes de atacar, excluir, invalidar, bem como os aspectos sociais que se manifestam neste processo de apagamento da bissexualidade. Esta seção foi construída com dados encontrados em oito pesquisas (Corey, 2017; DeCapua, 2017; Doan Van *et al.*, 2019; E. Todd *et al.*, 2016; Hertlein *et al.*, 2016; Johnson, 2016; Roberts *et al.*, 2015; e van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017). Foram construídas 3 categorias: 1) Exclusão; 2) Invalidação; e 3) Personificação.

2.1 Exclusão

Exclusão foi a categoria construída para analisar atitudes contra a bissexualidade ou indivíduos bissexuais que agem como sintomas estruturais da heteronormatividade e monossexualidade. Esta categoria foi discutida a partir dos resultados de seis pesquisas (Corey, 2017; DeCapua, 2017; Doan Van *et al.*, 2019; Hertlein *et al.*, 2016; Johnson, 2016; e van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017).

Para van Lisdonk e Keuzenkamp (2017) uma das formas da bissexualidade ser excluída ocorre através da compreensão das relações afetivas e/ou sexuais baseadas na monossexualidade, uma vez que a orientação sexual de alguém é presumida pelo seu respectivo parceiro, dando espaço para a interpretação da sexualidade alheia apenas como gay/lésbica ou heterossexual.

Corey (2017) e Johnson (2016) discutem o processo de exclusão que ocorre dentro da comunidade LGBTQIA+, que causa o sentimento de isolamento pelos bissexuais, e mostra-se presente nas esferas sociais, culturais, públicas etc. Corey (2017) também sugere um “contrato epistêmico do apagamento bissexual” (p.192, tradução livre), que seria a forma que héteros e homossexuais encontram de manter o controle de suas orientações sexuais enquanto excluem a bissexualidade do debate ou da realidade, o que reitera a monossexualidade como única possibilidade

Este fato pode ser corroborado com algumas participantes bissexuais femininas da pesquisa de DeCapua (2017) que alegaram ter passado por situações nas quais lésbicas se recusaram a encontrá-las por acharem repulsivo o fato de elas terem saído com homens. Hertlein *et al.* (2016) compreendem que a bifobia motiva estas atitudes, mas para DeCapua (2017) esta compreensão é limitante, uma vez que foca nos prejuízos pessoais e desconsidera as interferências culturais e sociais que impactam diretamente indivíduos bissexuais e que motivam formas negativas de afetos destinadas à bissexualidade.

Conforme discutido na seção de introdução, a bissexualidade foi reconhecida como orientação sexual apenas nos anos 1970 (DeCapua, 2017). Entretanto, até hoje essa exclusão mostra-se presente, conforme relato de uma participante da pesquisa de Doan Van *et al.* (2019, p. 165, tradução livre) “talvez o motivo pelo qual eu raramente experiencie discriminação é porque as pessoas não percebem que eu existo”.

Parte da exclusão apresentada ocorre por compreensão monossexualista das interações humanas, pela bissexualidade pôr à prova a própria orientação sexual de héteros e homossexuais, e o apagamento que eles causam nos indivíduos bissexuais e na bissexualidade. Porém para Corey (2017) um dos maiores problemas que causam e perpetuam o ciclo de invisibilidade é a falha na nomeação da bissexualidade. Este fenômeno faz com que personagens, indivíduos, experiências e vivências não sejam explicitamente creditados ou identificados como bissexuais, o que gera a discussão destas experiências não terem sentido ou validade, ou como algo que não merece reconhecimento o suficiente para ser nomeado, e assim, ou a bissexualidade não é mostrada ou é debatida de forma pobre e livre de sentido e profundidade.

2.2 Invalidação

A categoria invalidação foi construída a partir da discussão dos resultados de cinco pesquisas (DeCapua, 2017; Todd *et al.*, 2016; Hertlein *et al.*, 2016; Johnson, 2016; e Roberts *et al.*, 2015), e tem a mesma estrutura da categoria exclusão, no entanto, nesta ocorre a invisibilidade por atitudes deliberadas, e não apenas como sintoma estrutural.

As pesquisas apresentadas mostram a invisibilidade da bissexualidade sob a matriz monossexual como uma presunção hétero ou homossexual da sexualidade alheia tendo como parâmetro o respectivo parceiro, e o produto deste pensamento é o de que a bissexualidade não existe (Roberts *et al.*, 2015). Este questionamento retorna à premissa de que algumas orientações

sexuais são verdadeiras e outras falsas, e faz com que muitos bissexuais utilizem nomenclaturas diversas e/ou monossexuais para fugir destas tentativas de apagamento ou questionamento sobre formas válidas ou não de ser e existir (DeCapua, 2017; Johnson, 2016).

Hertlein et al. (2016), entretanto, discutem sobre as participantes femininas que tinham parceiros heterossexuais, que sabiam da orientação sexual de sua parceira, e mesmo assim, consideram a bissexualidade delas como algo invisível ou irrelevante. DeCapua (2017) apresenta o esforço das participantes femininas de sua pesquisa em negociar a bissexualidade para ser válida e reconhecida enquanto os parceiros se apropriavam da orientação sexual de suas parceiras sob a pretensão de tê-las convertido em heterossexuais ou como se a bissexualidade fosse uma piada. Hertlein et al. (2016) apresentam as falas de participantes adolescentes e heterossexuais de suas pesquisas, que afirmam que as pessoas não nascem bissexuais, e este é um período de transição. Estes relatos reforçam a compreensão da bissexualidade como descontínua e um período de experimentação.

Estas atitudes deliberadas de negar a bissexualidade fazem com que indivíduos que não são bissexuais sintam-se confortáveis para questionar a (bi)sexualidade alheia, restando aos indivíduos que são bissexuais a tentativa de provar-se para terem sua orientação sexual validada (ou não). Em Todd et al. (2016) isto mostra-se consistente quando os familiares dos participantes utilizam o histórico de relacionamentos, ou os atuais parceiros, como forma de “provar” a instabilidade da bissexualidade.

3.3 Personificação

A categoria personificação foi construída considerando a discussão de dois autores (DeCapua, 2017; Johnson, 2016), os aspectos encontrados nesta categoria surgiram como reflexão sobre as formas de representar a bissexualidade ou os indivíduos bissexuais. Apesar de isso não ter sido abordado diretamente pelos autores, o tema emergiu como indicador de invisibilidade na presente pesquisa.

De acordo com Johnson (2016, p.382, tradução livre) “a bissexualidade é geralmente utilizada para representar nada além de si mesma”, tal fato pode ser reforçado ao observar que em obras do meio audiovisual, como filmes ou séries, indivíduos bissexuais geralmente são retratados não como personagens complexos ou com nuances, mas de formas extremamente estereotipadas

e suas orientações sexuais são ferramentas para propósitos devassos ou egoístas, e assim são representados como o produto de suas motivações e ações, ou seja, a bissexualidade é uma arma utilizada por pessoas imorais e que merecem ser questionadas.

DeCapua (2017) afirma que bissexuais são caracterizados como egoístas, que não conseguem renunciar a seu privilégio heterossexual, merecem ser questionados se são pessoas leais e merecedoras de confiança, são confusos, fracos etc. Dyar e London (2018) destacam a responsabilização de homens bissexuais pela transmissão de ITSs para heterossexuais, mesmo sem comprovação científica, e Wandrey *et al.* (2015), apresentam a sexualização e objetificação da bissexualidade feminina para entretenimento masculino.

Estas representações estereotipadas expõem os preconceitos escondidos (às vezes escancarados) sob uma fachada, e mostram a necessidade de debater vivências e práticas bissexuais, para que possam ser retratadas com nuances e verossimilhança, e assim diminuir estas atitudes negativas que bissexuais sofrem (Johnson, 2016).

3 Subjetividade

Esta seção foi desenvolvida tendo em vista os conjuntos de sentimentos, relações, práticas, afetos e experiências vividas por indivíduos bissexuais em seu processo de descobrimento e aceitação da orientação sexual bissexual. Partindo da compreensão da Psicologia Histórico-Cultural, a subjetividade bissexual foi analisada em situações diversas, como na rede de suporte e ciclo social, na exclusão presente tanto nas comunidades hétero ou LGBTQIA+, nos resultados negativos em saúde física e mental comparados à héteros ou seus pares *gays* e *lésbicas*, entre outros. Os temas identificados em onze pesquisas (Carrillo & Hoffman, 2018; Corey, 2017; DeCapua, 2017; Doan Van *et al.*, 2019; Dyar & London, 2018; E. Todd *et al.*, 2016; Johnson, 2016; Hertlein *et al.*, 2016; Roberts *et al.*, 2015; van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017; e Wandrey *et al.*, 2015) foram organizados e codificados em 3 categorias: 1) *Disclosure*; 2) Processos Individuais e Coletivos; e 3) Estratégias de Enfrentamento.

3.1 Disclosure

A categoria *disclosure* foi construída a partir de dados encontrados em seis pesquisas (Carrillo & Hoffman, 2018; DeCapua, 2017; E. Todd *et al.*, 2016; Roberts *et al.*, 2015; van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017; Wandrey *et al.*, 2015). O termo da língua inglesa *disclosure* refere-se à

divulgação ou ato de se assumir em determinada orientação sexual. Optou-se pela não tradução do termo para não perder o sentido e essência do conteúdo, mas é equivalente em português à expressão “sair do armário”.

Disclosure surge como sintoma da sociedade heteronormativa, é um ato de identificação que age principalmente como diferenciação da norma aceita de afetos e sexualidade, a heterossexualidade, considerando que este processo é exclusivo para indivíduos que não se identificam com a orientação sexual heterossexual (Wandrey *et al.*, 2015). Para Roberts *et al.* (2015) este processo é conflituoso para indivíduos bissexuais pois podem optar por esconder a orientação sexual por medo dos resultados, ou podem escolher se assumir publicamente e, possivelmente, sofrer exposição ou discriminação.

De acordo com Pew Research Center, 2013 (citado por E. Todd *et al.*, 2016) apenas 28% das pessoas que fazem parte do ciclo social e familiar de indivíduos bissexuais sabem de sua orientação sexual. Parte deste problema está em algumas orientações sexuais serem mais “valorizadas” do que outras, como exemplo a homossexualidade. Wandrey *et al.* (2015) discutem que se assumir bissexual não é tão significativo em comparação a se assumir *gay* ou *lésbica*. Para van Lisdonk e Keuzenkamp (2017) indivíduos bissexuais encontram formas específicas de expressarem sua orientação sexual, seja escondendo ou se assumindo, mesmo que para poucas pessoas próximas.

Wandrey *et al.* (2015) argumentam que o processo de *disclosure* pode ocorrer de forma casual, em que o assunto aparece e é debatido tranquilamente, ou pode ocorrer como um ato formal, direto e didático. Independente da forma escolhida, o processo deve ocorrer voluntariamente e de acordo com a vontade do indivíduo, pois mesmo que muitos indivíduos se sintam confortáveis com a própria orientação sexual, eles podem apresentar seletividade para assumir, ou não se sentirem confortáveis para fazê-lo (E. Todd *et al.*, 2016; van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017).

Na pesquisa de Carrillo e Hoffman (2018, p.97, tradução livre) um participante relata: “Eu sou bi mas isso não é algo que todo mundo saiba. Eu não tenho vergonha, mas a maioria das pessoas são ignorantes e tem mente fechada”. O trecho reforça dados já apresentados de que bissexuais são menos propensos a terem uma visão positiva de sua orientação sexual, de dizerem que a bissexualidade possui um papel importante em sua identidade, de se assumirem e

comunicarem para pessoas importantes sobre sua orientação sexual, ou de se identificarem como bissexuais (DeCapua, 2017).

3.2 Processos Individuais e Coletivos

Esta categoria discute os processos relacionados às relações sociais, autoestima e bem-estar. A discussão é uma reflexão sobre dados de oito pesquisas (Corey, 2017; Doan Van *et al.*, 2019; Dyar & London, 2018; E. Todd *et al.*, 2016; Johnson, 2016; Hertlein *et al.*, 2016; Roberts *et al.*, 2015; e van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017).

Nesta categoria o sofrimento psicológico mostra-se em formas variadas e uma delas está relacionada aos prejuízos consequentes da negociação da identidade como bissexual. De acordo com Corey (2017), as representações negativas da bissexualidade em produtos de mídia fazem com que bissexuais introjetem e desenvolvam a identidade em isolamento. Roberts *et al.* (2015) apresentam o sentimento de isolamento dos bissexuais tanto dentro da comunidade LGBTQIA+ como com pessoas heterossexuais, que não os consideram nem hétero e nem *gays* o suficiente.

Estas formas vãs e constantes de representar a bissexualidade desumanizam indivíduos bissexuais que optam por esconder a importância de suas sexualidades como tentativa de diminuir o sofrimento e buscar aceitação (Dyar & London, 2018; Johnson, 2016). Pesquisas apontam que quase 70% dos indivíduos bissexuais são diagnosticados com pelo menos um transtorno mental (Johnson, 2016). Comparados com *gays* e lésbicas, bissexuais apresentam maiores níveis de ansiedade, depressão, tentativa ou ideação suicida, transtorno de estresse pós-traumático e depressão (Johnson, 2016; Roberts *et al.*, 2015).

Dyar e London (2018) constatam que bissexuais se sentem mais ansiosos quando passam por situações negativas relacionadas à suas orientações sexuais ao longo do dia, e outras pesquisas apontam que estes sofrem mais discriminação no ambiente de trabalho, comportamentos violentos, resultados de saúde negativos como dores ou agravamento de condições crônicas, náusea etc. (Doan Van *et al.*, 2019; Roberts *et al.*, 2015). Além disso, mulheres cis bissexuais são mais acometidas por condições de saúde e uso de substâncias do que homens cis bissexuais (Dyar & London, 2018).

Conforme apresentado em Doan Van *et al.* (2019) mulheres bissexuais relatam se sentirem alvos de assédio sexual e estupro por serem bissexuais, como se tais práticas fossem um ato de

correção para essa orientação sexual desviante, o que também pode ser aplicado a homens bissexuais. Estes crimes sexuais são relacionados à hiper sexualização e objetificação dos bissexuais, como se tais atitudes fossem justificáveis.

Este processo de internalização de ideias negativas por indivíduos bissexuais é uma forma de auto estigmatização e conexão entre mal-estar físico e mental (Hertlein *et al.*, 2016), é um acordo não intencional entre o indivíduo que introjeta as formas negativas de representação da bissexualidade e as estruturas de afeto e sexualidade, por ela não ser considerada uma orientação sexual válida ou legítima (Dyar & London, 2018; Doan Van *et al.*, 2019). Para evitar sofrimento próprio ou desconforto alheio estes indivíduos utilizam formas monossexuais de se identificarem enquanto reduzem a importância da identidade bissexual, o que gera mais desconforto consigo mesmo (Dyar & London, 2018; Roberts *et al.*, 2015).

Estes conflitos com a identidade e orientação sexual causam um processo único para indivíduos bissexuais que é o de incerteza da identidade sexual, na qual de acordo com a receptividade com a bissexualidade no ambiente que este se encontra, são desenvolvidas formas de afirmar ou esconder esta orientação sexual, ou seja, caso seja aceita pode gerar o sentimento de acolhimento, enquanto caso seja rejeitada pode gerar sofrimento psicológico nos indivíduos que se identificam como bissexuais (Dyar & London, 2018).

Estes processos de representação e identificação bem como os de ataque e discriminação têm forte apelo simbólico, conforme já apresentados nesta pesquisa. Além das violências físicas e sexuais, indivíduos bissexuais são vítimas de microagressões por meio de comportamentos verbais ou não verbais em ambientes de trabalho e familiares, que os excluem e oprimem (Doan Van *et al.*, 2019), o que faz com que comparados com *gays* e *lésbicas*, bissexuais sejam menos abertos sobre suas orientações sexuais com pessoas de seu ciclo social (van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017). E. Todd *et al.* (2016) apresentam que a aceitação familiar e social de bissexuais na infância e adolescência causa menos sofrimento psicológico com a aceitação da orientação sexual e menor presença de transtornos psicológicos.

São apresentadas por Hertlein *et al.* (2016) formas positivas de compreender a bissexualidade e os indivíduos bissexuais para o enfrentamento de preconceitos e rompimento com estruturas rígidas, tais como a indicação de que indivíduos bissexuais apresentam compreensões das relações sociais e interpessoais de forma multidimensional; possuem mais nuances no entendimento da

identidade da bissexualidade; utilizam menos estereótipos, e são mais acolhedores com seus pares. Todavia, também é apresentado como consequência da negação da bissexualidade como orientação sexual válida ou de estereótipos desumanizadores, que estes possuem dificuldade em estabelecer relações duradouras e saudáveis sejam românticas ou de amizades (Hertlein *et al.*, 2016).

3.3 Estratégias de Enfrentamento

A categoria estratégias de enfrentamento foi construída considerando os aspectos encontrados em seis pesquisas (DeCapua, 2017; Doan Van *et al.*, 2019; Dyar & London, 2018; Hertlein *et al.*, 2016; Roberts *et al.*, 2015; e Wandrey *et al.*, 2015) para defesa ou ataque de atitudes direcionadas direta ou indiretamente contra indivíduos bissexuais.

De acordo com Wandrey *et al.* (2015) as estratégias são ferramentas utilizadas por indivíduos bissexuais para lidarem com a orientação sexual, principalmente no começo de aceitação e exploração da sexualidade. Algumas têm caráter de ataque e outras de defesa, mas são formas encontradas para lidar com as situações, discriminações e aceitação da bissexualidade.

Considerando que a bissexualidade é frequentemente apagada do debate ou dialogada de forma irresponsável, indivíduos bissexuais assumem a responsabilidade de educar os outros sobre o que é a bissexualidade (Hertlein *et al.*, 2016), isto é presente desde o momento de se assumir até mesmo em relacionamentos de longa data, nos quais a bissexualidade deixa de ser considerada válida. Para exemplificar, destaca-se o relato de uma participante feminina da pesquisa de DeCapua (2017) sobre uma discussão com o namorado: “apesar de eu estar namorando com você, eu ainda sou bissexual e ainda me considero parte da comunidade LGBT” (p.461, tradução livre).

Para Dyar e London (2018) uma forma de reduzir as consequências de comportamentos anteriores e prevenir novas atitudes contra a bissexualidade, é a vigilância para perceber atitudes sutis contra a bissexualidade que causaram sofrimento anteriormente. Entretanto, esta atitude poderia gerar mais ansiedade, o que torna a ação inviável considerando o histórico de sofrimento mental já apresentado (Dyar & London, 2018).

Uma forma que apresentou retornos positivos é o conhecimento e conseqüentemente a apropriação da bissexualidade, Doan Van *et al.* (2019) afirmam que o contato com material literário, acadêmico ou audiovisual dos participantes de sua pesquisa foi uma forma de lidar com a

discriminação sofrida, bem como um ato de se sentir acolhido e reconhecido. Apesar deste sentimento de orgulho e força na identidade, isto não os torna imunes às discriminações e preconceitos (Doan Van *et al.*, 2019).

Indivíduos que têm pouco conhecimento sobre a bissexualidade apresentam maior chance de desvalorizar a orientação sexual do que indivíduos que têm mais informações, o que faz com que o conhecimento desempenhe um papel afirmativo na identidade (Dyar & London, 2018). Outro fator importante é o ambiente e ciclo social, que quanto mais acolhedores, mais os indivíduos bissexuais encontram força na identidade bissexual (Hertlein *et al.*, 2016).

De acordo com Roberts *et al.* (2015) o suporte e acolhimento por parte dos amigos traz benefícios no *disclosure*, enquanto o suporte familiar desempenha papel no desenvolvimento da aceitação e identidade bissexual. O conhecimento e a identidade são formas não somente de lidar com o preconceito, mas também de ter condições de refletir sobre os conteúdos já internalizados e atitudes cotidianas negativas.

Considerações Finais

A análise realizada evidencia que a bissexualidade é alvo de inúmeras incompreensões que fomentam e mantêm preconceitos a seu respeito, posicionando-a como irrelevante e invisível. Outro apontamento possível a partir desta pesquisa é que a invisibilização da bissexualidade é um processo complexo e multifacetado, que ocorre simbólica e materialmente, e de forma deliberada ou sintomática. Dependendo do nível de conhecimento sobre as especificidades desta orientação, o indivíduo pode se apropriar dos elementos e assumir uma identidade bissexual, ou rejeitar e adotar uma orientação monossexual.

Acerca da discussão acadêmica sobre a bissexualidade, os procedimentos utilizados nesta pesquisa não encontraram literatura nacional, o que evidencia a tendência política, cultural, social e acadêmica de aglutinar a bissexualidade à homossexualidade. Nota-se, ainda, a constante relação feita entre a bissexualidade e o consumo de substâncias químicas ou de entre ISTs e a bissexualidade, salientando a necessidade de construir debates que fujam da criminalização de vivências de grupos específicos.

Ao considerarmos as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural a respeito da subjetividade, pode-se compreender a importância dos processos de significação social na

constituição do sujeito. Se a personalidade humana se constitui como drama, a presente pesquisa destaca diversos elementos culturais que nos possibilitam caracterizar os dramas específicos vivenciados pelas pessoas bissexuais. O choque entre seus afetos e as significações que lhes são dadas, as dificuldades de construção de uma autoimagem positiva ou da aceitação de seus desejos. Nesta perspectiva, compreende-se que a trama da constituição dos sujeitos bissexuais em uma sociedade que os significa de forma pejorativa perpassa pela vivência de inúmeros sofrimentos e dificuldades. Essas não apenas relacionam-se à vulnerabilidade de seus corpos à violência, mas também às formas de se perceber e atribuir sentidos às suas vivências.

Ao discutir com as produções recentes formas amplas de compreender a bissexualidade, esta pesquisa destaca a necessidade de se aprofundar o debate que envolve as contradições que a própria bissexualidade apresenta, sem anacronismo ou julgamento moral, para assim construir novas possibilidades ou saberes. Por fim, destaca-se a necessidade de que este debate fomente a construção de políticas públicas capazes de acolher e fortalecer a comunidade bissexual, bem como a formação crítica de profissionais de psicologia e saúde, em geral, para o trabalho junto a essa população.

Referências

- Arena, D. F., & Jones, K. P. (2017). To “B” or not to “B”: Assessing the disclosure dilemma of bisexual individuals at work. *Journal of Vocational Behavior, 103*, 86–98. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2017.08.009>
- Bardin, L., Reto, L. A., & Pinheiro, A. (2000). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Campos, C. J. G. (2004). Método de análise de conteúdo: Ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem, 57*(5), 611–614. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>
- Carrillo, H., & Hoffman, A. (2018). ‘Straight with a pinch of bi’: The construction of heterosexuality as an elastic category among adult US men. *Sexualities, 21*(1–2), 90–108. <https://doi.org/10.1177/1363460716678561>
- Corey, S. (2017). All Bi Myself: Analyzing Television’s Presentation of Female Bisexuality. *Journal of Bisexuality, 1*–16. <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1305940>
- Davila, J., Jabbour, J., Dyar, C., & Feinstein, B. A. (2019). Bi+ Visibility: Characteristics of Those Who Attempt to Make Their Bisexual+ Identity Visible and the Strategies They Use. *Archives of Sexual Behavior, 48*(1), 199–211. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1284-6>
- DeCapua, S. R. (2017). Bisexual Women’s Experiences with Binegativity in Romantic Relationships. *Journal of Bisexuality, 17*(4), 451–472. <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1382424>
- Doan Van, E. E., Mereish, E. H., Woulfe, J. M., & Katz-Wise, S. L. (2019). Perceived Discrimination, Coping Mechanisms, and Effects on Health in Bisexual and Other Non-Monosexual Adults. *Archives of Sexual Behavior, 48*(1), 159–174. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1254-z>
- Dyar, C., & London, B. (2018). Longitudinal Examination of a Bisexual-Specific Minority Stress Process Among Bisexual Cisgender Women. *Psychology of Women Quarterly, 42*(3), 342–360. <https://doi.org/10.1177/0361684318768233>
- E. Todd, M., Oravec, L., & Vejar, C. (2016). Biphobia in the Family Context: Experiences and Perceptions of Bisexual Individuals. *Journal of Bisexuality, 16*(2), 144–162. <https://doi.org/10.1080/15299716.2016.1165781>
- Guimarães Alves, I., Espíndula Moreira, L., & Máximo Prado, M. A. (2020). Saúde de Mulheres Lésbicas e Bissexuais: Política, Movimento e Heteronormatividade. *Revista Psicologia E Saúde, 12*(3), 145-161. <https://doi.org/10.20435/pssa.vi.1072>
- Hertlein, K. M., Hartwell, E. E., & Munns, M. E. (2016). Attitudes Toward Bisexuality According to Sexual Orientation and Gender. *Journal of Bisexuality, 16*(3), 339–360. <https://doi.org/10.1080/15299716.2016.1200510>
- Johnson, H. J. (2016). Bisexuality, Mental Health, and Media Representation. *Journal of Bisexuality, 16*(3), 378–396. <https://doi.org/10.1080/15299716.2016.1168335>
- Johnson, N. L., & Grove, M. (2017). Why Us? Toward an Understanding of Bisexual Women’s Vulnerability for and Negative Consequences of Sexual Violence. *Journal of Bisexuality, 17*(4), 435–450. <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1364201>

-
- Lahti, A. (2015). Similar and equal relationships? Negotiating bisexuality in an enduring relationship. *Feminism & Psychology*, 25(4), 431–448. <https://doi.org/10.1177/0959353515574786>
- McClelland, S. I., Rubin, J. D., & Bauermeister, J. A. (2016). Adapting to Injustice: Young Bisexual Women's Interpretations of Microaggressions. *Psychology of Women Quarterly*, 40(4), 532–550. <https://doi.org/10.1177/0361684316664514>
- Molon, S. I. (2011). Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. *Psicol. estud.*, 16(4), p. 613–622.
- Mulvey, L. (1975). Visual Pleasure and Narrative Cinema. *Screen*, 16(3), 6–18. <https://doi.org/10.1093/screen/16.3.6>
- Roberts, T. S., Horne, S. G., & Hoyt, W. T. (2015). Between a Gay and a Straight Place: Bisexual Individuals' Experiences with Monosexism. *Journal of Bisexuality*, 15(4), 554–569. <https://doi.org/10.1080/15299716.2015.1111183>
- Souza, M. T. de, Silva, M. D. da, & Carvalho, R. de. (2010). Integrative review: What is it? How to do it? *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102–106. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>
- van Lisdonk, J., & Keuzenkamp, S. (2017). Towards Bi-Inclusive Policies: Suggestions Based on Research on Dutch Same-Sex Attracted Young People. *Sexuality Research and Social Policy*, 14(2), 206–222. <https://doi.org/10.1007/s13178-016-0241-1>
- Vigotski, L. S. (2000). Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, 21(71), 21–44. doi: 10.1590/S0101-73302000000200002
- Wandrey, R. L., Mosack, K. E., & Moore, E. M. (2015). Coming Out to Family and Friends as Bisexually Identified Young Adult Women: A Discussion of Homophobia, Biphobia, and Heteronormativity. *Journal of Bisexuality*, 15(2), 204–229. <https://doi.org/10.1080/15299716.2015.1018657>

Sobre os autores

¹ **Kadu Ulisses da Silva.** Graduando em Psicologia pela Faculdade Municipal Professor Franco Montoro, Mogi Guaçu, SP. <https://orcid.org/0000-0003-3387-935X>. ulisses.kadu@hotmail.com

² **Jacqueline Meireles.** Doutora em Psicologia pela PUC Campinas, professora no Centro Universitário UNIFIEO, Osasco, SP. <https://orcid.org/0000-0002-0570-0407>. meirelesipsi@gmail.com

Recebido em: 19/12/2021

Aceito em: 09/05/2022

Publicado em: 15/04/2023